

"O Éter"

Por João Paulo Quintella, 2017

Ouvir esses áudios, antes de dormir, foi uma chance de perder minha temperatura estável, controlada, e vaporizar-se com o outro, compartilhar um ínfimo de sua dor. Fui sentindo o peso das ausências e o trágico da violência. Estou a partir de Anna. Escutamos através de um dispositivo-estado-tempo, um lugar do sono antes do sonho proposto pela artista.

_voz o que que aconteceu? nesse momento todos os meus sentidos se alteraram. se a temperatura era quente eu tava sentindo frio.

Há por acaso um poema de Pessoa chamado Entre o Sono e o Sonho. Diz o poeta desse lugar - ali, Entre mim e o que em mim / É o quem eu me suponho / Corre um rio sem fim. Esse ser que ao mesmo tempo atravessa e é atravessado, narrador e sujeito da experiência, fato e afeto, é quem escutamos e assim escutamos a nós mesmos.

A primeira coisa que me vem é como sobressai uma delicadeza em relação à experiência. Nos sucede tanto e tão pouco é cuidado.

O diálogo haveria de ser outro. Pouco ouvimos ali da voz de Anna. Também não importa. Importa a voz que é rancor, delírio e saudade. Lutamos pelo domínio dessas paixões na expectativa sempre de manobrar nossa própria narrativa. Mas aqui, no Éter, esse imaterial necessário, fica evidente que o fato de prescindir do que nos cerca possibilita acessar o que nos toca.

Para reverberar esse campo do outro sem o ser crítico distanciado, buscando uma inscrição nas falas, a transcrição apareceu como única forma de começar uma escrita. Dela se produzem ressonâncias, jamais comprobatórias de qualquer ensejo.

_voz o pai do Pedro me bateu de novo. dessa vez na frente dele.

As vozes, com tanto peso, assombram quando escritas.

_voz uma maca do lado de fora do hospital porque não tinha lugar lá dentro. meu namorado morreu com 29kg. pra você ter uma ideia, um rapaz bonito de 1 metro e 79.

Serra, em um lindo texto, confere ao peso valor. Valor aqui é influência na gravidade psíquica, o peso como desorientação e desequilíbrio. Uma frase fica.

"Tudo que escolhemos na vida por sua leveza logo revela seu peso insuportável."

Os pólos sempre trazem pares. O deslize, da leveza para o peso, da segurança para o constrangimento, da verossimilhança para a fantasia, são nossos movimentos constitutivos.

_voz quando aparecer alguém aqui para falar eu te digo tá? um daqueles personagens. quer que eu te convide para conversar junto? chegou um agora. ele era gordinho e tinha uma cartola. ele ficou meio envergonhado e se dissolveu.

O fantástico anula repressões, impede retaliações. Penso no convite, esse gesto por vezes protocolar, mas que nunca o é com Anna. É um abster-se das disputas, abdicar dos esforços para sobrevivermos à vigília.

_voz quando tenho um pesadelo normalmente acordo no meio. quando durmo volto pro pesadelo. desabafo de manhã.

Os medos são sempre nossos. Quando expostos, revelam as maiores afirmações sobre nós mesmos, e nos sentimos mais frágeis por isso. Anna não expõe mas toma conta.

_voz gosto muito do drama e das tragédias nas histórias, mas não na minha vida.

Há uma separação entre um gostar dentro da vida e um gostar fora dela? Não estariam nossas predileções todas juntas no campo mais cru da vida? Essa separação do real, entre o vivido e o imaginado, seria uma insistência humana?

Percebo agora como esse momento antes do sono sempre me foi muito caro. Já vivi em muitos lugares antes de dormir. Salvava esse tempo para uma espécie de sonho real. Me parecia o momento onde eu chegava mais próximo de viver a minha auto-ficção.

Preciso escrever sem sono ou talvez aqui o sono seja condição.